

O AMOR VENCIDO PELO AMOR  
E NÃO PELO DINHEIRO

DRAMA EM 1 PROLOGO E 3 ACTOS

OFFERECIDO AO

Actor Xisto Bahia

Pelos serviços prestados á causa da emancipação

PELO OPERARIO

Leonardo Rodrigues do Sacramento França



ARQUIVO THEATRAL DE  
ANTONIO DA SILVA PEIXOTO  
N.º 4322  
Inscrito de Ordem no Catalogo

RIO DE JANEIRO  
Typ. a vapor, rua do Hospicio 105 A

1322

1882



## PERSONAGENS

- Commendador Gervasio.  
Leonor, sua mulher.  
Margarida, 14 annos, preta.  
Juliana, sua mãe, preta.
- Julio, seu sobrinho, preto.  
Etelvina, sua prima, preta.
- Macedo, pintor, preto.
- Rodolpho.
- Leopoldo
- Barão da Gama.
- Visconde de Aguasinha.  
Sua mulher.  
Sua filha.
- Francisco d'Assis.
- João de Barros.

A acção passa-se na Bahia

EPOCA ACTUALIDADE

7

# O Amor vencido pelo Amor E NÃO PELO DINHEIRO

## PROLOGO

Salão de baile, portas ao fundo, portas e janellas lateraes.

### SCENA I

Francisco d'Assis, Gervasio, D. Leonor, D. Jeronyma d'Athaide, Barão Alfredo Pires e sua mulher, João de Barros e sua mulher, D. Carolinda d'Almeida, Olympio de Mello, Banqueiro, Porfirio de Souza, D. Maria Catharina, Visconde e Viscondessa d'Aguasinha, Esbella

VISCONDE.— (afflicto á viscondessa) Não sei se o Macedo me comprometterá!

VISCONDESSA.— Tu não convidas-te elle com antecedencia?

VISCONDE.— Fiz-lhe o convite no dia 31 do passado e participei-lhe que o baile principiava ás 9 1/2 horas. (sentando-se) Ouço bater á porta.

CREADO.— A Sra. D. Margarida e seu primo Julio. (cumprimentos do estylo).

(Esbella levanta-se e conversa á parte com Margarida).

OLYMPIO.— (a Loureiro) Estou arrependido de ter vindo e a razão é porque vejo entrar dous negros, não sei se serão escravos de algum fidalgo

LOUREIRO.— Tenho convicção de que em casa do Visconde não vem gente de mais ou menos.

VISCONDE.— Ouço o ruido de um carro.

ESBELLA.— Creio que parou á nossa porta.

VISCONDESSA.— Ouço bater.

VISCONDE.— (chamando) Chrispin, mande ver quem é.

CREADO.— E' o Sr. Macedo.

*Handwritten notes:*  
- *primo, mãe* (next to CREADO's first line)  
- *momento* (next to OLYMPIO's line)  
- *primo, mãe* (next to VISCONDE's line)

SCENA II

OS MESMO E MACEDO

VISCONDE.— (cumprimentando-o) Eu já tinha feito uma má ausencia da sua pessoa.

MACEDO.— Qual a origem?

VISCONDE.— A sua demora.

MACEDO.— O artista é muito pequeno, porém a sua palavra é real.

ESBELLA.— (levantando-se) Vou tocar um pedaço do Salvador Roza em attenção á chegada da Sr. Macedo.

MACEDO.— Tu não sou digno de receber uma tão importante prova de consideração.

VISCONDE

VISCONDESSA { — E' mais que digno.

(Esbella toca piano, ao terminar todos applaudem).

ESBELLA.— (dirigindo-se a Margarida) Desejo ouvir vnc. tocar alguma cousa.

MARGARIDA.— O que heide tocar?

ESBELLA.— A sua favorita. A Lucia em lá menor.

(Todos applaudem. Macedo cumprimenta Margarida que senta-se ao piano).

FRANCISCO D'ASSIS.— (a Loureiro) Grande agitação causou a chegada do Sr. Macedo.

LOUREIRO.— E' um intimo amigo do Visconde.

FRANCISCO D'ASSIS.— Fiquei um pouco massado por elle ter cumprimentado uma jovem que eu amo. Fiquei entusiasmado desde que ouvi ella tocar e cantar o Guarany em casa de meu tio.

LOUREIRO.— Tem bom entusiasmo em amar uma negra.

FRANCISCO D'ASSIS.— Não olho para a côr. Falla muito, bem o francez, o inglez e o allemão, é uma das primeiras modistas.

LOUREIRO.— Temos terminado a conversa.

VISCONDE.— Acho as horas um pouco adiantadas. O melhor é dar principio ao baile. Esbella que toque uma polka.

(Todos dançam menos Francisco d'Assis, Olympio e o Visconde que conversam, dançando Macedo com Margarida).

(Depois de terminar Macedo offerece o braço a Esbella e passeia),

MACEDO.— (baixo) Quem é esta senhora?

ESBELLA.— Qual dellas?

MACEDO.— Esta com quem eu dancei.

ESBELLA.— E' uma das minhas intimas collegas de escola. A proposito, tu gostas-te della?

MACEDO.— Se eu não gostasse não me tornava ousado para com V. Ex. e fazer-lhe uma pergunta desta ordem.

ESBELLA.— Posso-te arranjar este casamento e o que te affianço é que não sahirás mal servido.

MACEDO.— Era um grande favor que V. Ex. me fazia.

ESBELLA.— Irei conversar com ella.

MACEDO.— Já que V. Ex. vai conversar com ella, pergunta-se pôde acompanhar um recitativo ao piano.

(Esbella vai conversar com Margarida que rindo levanta-se e vai ao piano tocar uma variação).

MACEDO.— (Recitando):

A flôr mimosa que abrilhanta o prado  
Ao sol nascente vem pedir fulgor ;  
O sol sahindo na açucena flôr,  
Dá-lhe perfume, não lhe nega amor.

Eu que não tenho como o sol seus raios  
Embora eu sinta n'esta fronte ardor  
Eu que quizera encetar teu album  
Da-lhe perfume não me nega amor.

Oh! bella! oh! bella! caprichosa sempre  
Nos ternos indios de infantil felcor ;  
Entrelaçada com as grinaldas meigas  
Doce perfume de celeste amor.

(Terminado o recitativo que é applaudido, Margarida toca uma variação do Baile de Mascaras. No meio dos applausos, Macedo oferece-lhe o braço e a conduz ao sophá).

FRANCISCO D'ASSIS.— (a Loureiro) Vou participar á mãe de Margarida que ella está amando um pintor. (ao Visconde) Desejo retirar-me.

TODOS.— Pelo mesmo conseguinte.

VISCONDE.— (vendo o relógio) E' muito cedo, são tres horas.

FRANCISCO D'ASSIS.— Amanhã é segunda-feira, Sr. Visconde.

VISCONDE.— Não posso obrigar as vossas vontades.

(Todos se despedem e se retiram menos Margarida, Macedo e Julio. Esbella vai para a janella com Margarida e conversam).

ESBELLA.— (a Macedo) Está realisado o seu pedido.

MACEDO.— (Risonho) Muito obrigado minha senhora.

JULIO.— Sr. Visconde, desejo retirar-me. (Despede-se).

Macedo dá uma carta a Margarida.

MARGARIDA.— (baixo a Macedo) Procure a resposta amanhã na rua da Saude 32 (sahe com Julio).

ESBELLA.— Sr. Macedo, desejo uma copia d'aquelle recitativo.

MACEDO — Pois não minha senhora, amanhã pôde mandar Chrispim buscal-o.

VISCONDE.— Tu gostas-te de Margarida? Ein?

MACEDO.— Tenho visto muitas senhoras, mas nenhuma me surprehendeu tanto como Margarida.

VISCONDESSA.— O que lhe garanto é que não será mal servido com esse casamento.

MACEDO.— Isto é, se ella não tiver compromettida.

VISCONDESSA.— Quem deseja casar-se com ella é Francisco d'Assis, porém ella não quer; proponha-se que será bem succedido. (Macedo despede-se).

ESBELLA.— Sr. Macedo não se esqueça do recitativo.

### CAHE O PANNO

#### ACTO I

Sala nobre tendo portas e janellas dos lados.

#### SCENA I

(Etelvina e Margarida sentadas).

ETELVINA.— Conta-me Margarida, alguma cousa do que foi passado no baile.

MARGARIDA.— Hontem foi um dia de gloria para mim. Acompanhei um recitativo o qual me surprehendeu o coração.

ETELVINA.— Já sei, já sei. São surpresas de amores. E já são 8 horas.

MARGARIDA.— São 8 horas; tenho de ir para a janella esperar por Macedo. (indo á janella) Ahi vem elle Etelvina dá-me aquella carta que está em cima da commoda. (Etelvina entrega-lhe a carta. Macedo passando Margarida entrega-lhe a carta dizendo até —amanhã.)

ETELVINA.— Já sei que não aceitas a proposta de minha tia.

MARGARIDA.— Qual preposta? O casamento infame do Commendador? Nunca adoptei nobreza.

#### SCENA II

JULIANA.— (entrando). Muito bem. Já sei que estais na lida, attribuindo as consequencias ao seductor das innocentes.

MARGARIDA.— Meu pensamento está tranquillo minha mãe.

JULIANA.— Mais tarde te arrependers do que te estou prevenindo.

ETELVINA.— Minha tia, aqui nada existe que lhe desagrade, pois que eu estou neste momento explicando os deveres para com Vmc. e os quaes ella está acceitando como regras boas. E' prova de amizade e fraternidade, que lhe consagro; alem disto palavras aproveitaveis a uma filha familia.

JULIANA.— Já sei, já sei. Farei o que juigar conveniente. (sahe).

### SCENA III

MACEDO.— (entrando) Bons dias, Margarida. O que tens, que estás tão pensativa?

MARGARIDA.— Bons dias, Macedo. Não sabes... depois que minha mãe soube que eu te amava tem me deixado entregue a um desprezo e traz-me mortificada, o que não me é possível exprimir.

MACEDO.— (sentando-se). Sou insufficiente para interrogar-te, pelo menos, conta-me pelo amor que me dedicas o que é passado.

MARGARIDA.— Pela consideração sagrada de mãe não te devo contar.

MACEDO.— Pois bem; logo que empregas esta consideração a tua estimada mãe e a mim que te amo em extremo não podes usar com a franqueza dotada; peço permissão para retirar-me.

ETELVINA.— Macedo, apesar de minhas palavras sem merito não alcançarem neste assumpto, te peço que não martyrizes por duplicata o coração da prima.

MACEDO.— Não posso martyrizar logo que encontrei firmeza no seu coração.

MARGARIDA.— Não pôde ser mais real do que o de uma filha proscripta para com sua mãe.

MACEDO.— Aceita pois, é uma realidade.

ETELVINA.— Ouço uma voz que parece ser de minha tia.

MACEDO.— E' melhor retirar-me.

MARGARIDA.— Sinto um pezar no coração com tua ausencia. O que havemos fazer se a missão não está realisada. (Macedo sahe).

### SCENA IV

JULIANA.— Etelvina já sei que tu estás aconselhando Margarida. Porém não é sobre Francisquinho a quem deves que attribua todos os pensamentos santos e de amor para eu ser feliz nas minhas aspirações que ten-

MARGARIDA.— Sua filha, minha mãe. Não venha Vmc. com estas palavras contrariar as minhas santas intenções pois que assim contristam o meu pobre coração.

JULIANA.— Já sei que não cumpres a minha promessa de honra? (para Etelvina) O que diz Etelvina á respeito.

ETELVINA.— São problemas difficeis de resolver-se.

JULIANA.— Acompanhas a idéa de tua prima.

ETELVINA.— Dependendo de opiniões, a minha não será conceituada.

JULIANA.— Darei as providencias que necessitar. (Retira-se).

MARGARIDA.— Quem poderá livrar-me de ser victimã nas providencias de minha mãe? Só meu. primo Julio de Alencar.

SCENA V

JULIO.— (entrando) Oh! primas! estão sosinhas?

AMBAS.— Ha pouco fallando em teu nome.

JULIO.— Regozijam-se quando fallam em meu nome? E em minha presença?

AMBAS.— É real.

JULIO.— Ha alguma novidade?

MARGARIDA.— Eu gosto da tua innocencia.

JULIO.— E em que sentido.

MARGARIDA.— Sem duvida não te é communicado por minha mãe o que foi passado?

JULIO.— Ignoro.

ETELVINA.— Não tens sciencia da desharmonia que tem havido?

JULIO.— Inda melhor.

ETELVINA.— Isto é para syndicancia.

JULIO.— Para abreviarmos diz-me o que ha succedido.

MARGARIDA.— Impõe minha mãe a querer que dê a mão de esposa a Francisco d'Assis, rapaz repugnante e indigno aos meus olhos e ella bem o sabe. Tenciona que se realise seus intentos; que loucura casar-me com Francisco que até seu nome a mim é tão ridiculo? Por ser capitalista e aparentado de barões para os sentimentos de uma jovem que deseja trilhar e abrilhantar o seu futuro não se seduzir casando com aquelle ruim personagem tendo em sua mira o seu bom Macedo a quem o porvir nos sorrirá de felicidade! Será possível meu charo Juli? Responde qual é a tua opinião.

JULIO.— Macedo não é sciente.

MARGARIDA.— Depois da imposição ainda não o vi

JULIO.— Nada posso resolver sobre isto sem que me entenda com Macedo; porém a minha opinião é a tua,

tiro-me, vou ter com elle em casa pois que sem duvida lá o encontrarei (sahe).

ETELVINA.— (a Margarida) Com isto alcançarás victoria no encontro de Julio com teu Macedo, pois as providencias de tua mãe não darão energia na vingança que para ti formou. O que poderá acontecer? Será tua realisação com Macedo a quem tu inspiras confiança do teu proprio coração.

JULIO.— (entrando) Advinhas que sahirás victoriosa.

MARGARIDA.— Creio pois, não poderás ser fingido e para mim não acharia outro que encarregasse d'esta empreza senão Vmc.:

JULIO.— Porém está de viagem para S. Paulo e eu não iria se elle não resolve mostrar a carta que para ti escreveu a este respeito; e feliz foi ainda que no momento que eu entrava dobrava a dita carta para collocar no envolucro; li e reconheci a verdade.

MARGARIDA.— E quando será a nossa realisação.

JULIO.— Quando regressar de sua viagem; dias depois.

MARGARIDA.— Com certeza?

JULIO.— Sim, com muita certeza.

MARGARIDA.— E participará a minha mãe?

JULIO.— Isto não declarou, porém será teu marido brevemente.

MARGARIDA — (a Etelvina) Tu crês tambem?

ETELVINA.— Que duvida? Pois deixarei de applaudir este grandioso intento; e occultaremos para que na vespera estejamos promptos para este fim.

JULIO.— Já estão scientes não é assim? Pois vou retirar-me. Até logo (sahe).

## SCENA VI

Margarida, Etelvina e Macedo

MACEDO.— (entrando) Cumprimento-vos?

AMBAS.— Persuadiamo-nos que já tinha-se olvidado desta casa.

MACEDO.— Desvaneçam-se desse pensamento. (senta-se).

ETELVINA.— Boas novas lhe acompanha.

MACEDO.— Exacto. E não te firmes n'outra causa que tudo será realisado pela Providencia Divina.

MARGARIDA.— Fazes viagem?

MACEDO.— Sim, é interesse para ti mesmo, fui chamado para encarregar-me de grande trabalho que durará 4 annos e regresso apenas para nossa realisação.

MARGARIDA.— Quatro annos! São 1400 epochas de tormentos.

MACEDO.— Impossível, pois que uma viagem a S. Paulo não dura tanto assim.

MARGARIDA.— Tu disseste Macedo quatro annos.

MACEDO.— Isto é minha demora depois de novo regresso a S. Paulo.

MARGARIDA.— Ah! diga-me assim, até lá talvez os ~~barrocimentos~~ barrocimentos de minha mãe não dessem lugar para tanta espera com os dictames em resolução eu seria soffredora em repetirem que case com um homem perverso. Não é assim?

MACEDO.— Para mim creio que será vinte dias a demora lá de viagem e doze para concluirmos é bastante. E será sufficiente, aqui ficamos, (ouve-se tocar a sineta do jantar).

MARGARIDA.— (para Macedo) São horas de jantar. Minha mãe não está. Seguiremos para este fim.

MACEDO.— Não posso aceitar. Adeus. Vou tratar dos negocios da viagem (sahe).

## FIM DO 1º ACTO

### ACTO II

#### SCENA I

Juliana e Margarida lendo

JULIANA.— (a Margarida) Está preparada para cumprir o meu desejo, afim de cumprir a minha palavra?

MARGARIDA.— Vem minha mãe perturbar o-silencio de meu coração.

JULIANA.— Que dizes? Pois minhas palavras perturbam o silencio do teu coração?

MARGARIDA.— Desde quando sou forçada a executar projectos contrarios aos meus sentimentos.

JULIANA.— Insolente! Ouzas dizer-me que estou forçando-te com projectos contrarios aos teus sentimentos! Não sabes que além destes sentimentos existe em mim um poder direito e sagrado sobre ti?... Prepare-se para ir para caza de sua madrinha.

MARGARIDA.— Pesso permissão a Vmc. de tres dias afim de me preparar, e despedir-me de minhas amigas.

JULIANA.— E' apenas o que posso conceder-te. (sahe).

#### SCENA II

Os mesmos e Julio

JULIO.— (com aspecto alegre) Prima, que tem que está tão pensativa e triste?

MARGARIDA.— Estou aqui imaginando a imposição da

minha mãe, querer que eu case com o Sr. Commendador Francisco de Assis.

JULIO — Desvanêça-se deste pensamento.

MARGARIDA. — Como?

JULIO. — Recebi uma carta de Macedo, pela qual me communica que brevemente chegará.

(Margarida levanta-se e sahe).

JULIO. — (só) Que descredito para minha familia! Minha tia querer que Margarida case com um homem de côr branca!

### SCENA III

Julio e Juliana

JULIANA. — Que exclamação é esta que ouço e vejo tu fazeres?

JULIO. — Senhora, é contra uma arbitrariedade que Vmc. quer praticar.

JULIANA. — Como?

JULIO. — Forçar Margarida a casar com um homem de côr branca.

JULIANA. — Não sabes que o Commendador é homem capitalista e vem dar honra á nossa familia.

JULIO. — Minha tia não se rebaixe a tanto, não queira nivelar-se com o chão.

JULIANA. — Como? Nivelar-me com o chão.

JULIO. — Em proferir palavras vãs.

JULIANA. — Explique-se.

JULIO. — Minha tia não sabe que segundo os principios sagrado d'aquelle que creou o homem, e que deu o sacrosanto corpo á sepultura, para elle este metal exquisito que é a fraqueza do homem e faz sujeitar-se a deshonras e infamias nenhum valor tem; e minha tia sabe que a sabedoria eterna nos ensina, que amemos e abracemos a pobreza, porque elle quando ao mundo veio e sendo todo poderoso, nasceu em estado da mais humilde pobreza, a senhora sabe que a honra do homem não está na côr; mas sim em suas virtudes, e talento, estas sim que são as verdadeiras honras aspiradas por Deus e pelos homens sensatos,

JULIANA. — Muito bem. Retiro-me que tenho negocios a tratar. (sahe).

### SCENA IV

Julio, Margarida e Etelvina

MARGARIDA. — Ainda por aqui!

JULIO. — Grande novidade.

JULIO. — Ainda ha pouco tive grande interpretação em minha tia.

MARGARIDA.— Porque razão ?

JULIO.— Em relação á imposição d'ella pelo teu casamento.

MARGARIDA.— Não temas Julio, já fiz um pequeno estudo sobre isto.

JULIO.— Pois bem, então estou satisfeito.

E TELVINA.— Então sabes o que Margarida vai dizer.

JULIO.— Não, porque não tenho dom prophético.

MARGARIDA.— E's tu o ullimo a me salvar (batem á porta).

JULIO.— Ouço bater na porta. Entre quem é. Oh ! és tu ?

E TELVINA.— Quem é ?

JULIO.— E' o caixeiro de escripta do Sr. Rodolpho. Ha alguma novidade ?

CAIXEIRO.— Ignoro.

JULIO.— Ah ! passou-me pelo sentido.

CAIXEIRO.— Estou com pressa.

JULIO — Meninas eu já volto (sahe com o caixeiro).

#### SCENA V

Os mesmos e Juliana

JULIANA.— Hoje completa-se o terceiro dia, já te despediste de tuas amigas ?

MARGARIDA.— Já ; a ultima caza em que estive foi a de minha tia Thereza.

JULIANA.— Pois bem, prepare-se que eu já volto.

#### SCENA VI

Margarida e Macedo

MARGARIDA.— Ouço bater na porta e vou ver quem é. Oh ! é você, Macedo ; entra.

MACEDO.— Não posso demorar-me porque vim no vapor francez, e porto ás duas horas, vim apenas saber da tua saude.

MARGARIDA.— Não podes esperar ao menos duas horas pelo meu respeito ?

MACEDO.— A senhora sabe que pelo seu respeito sacrificaria tudo até a propria vida.

MARGARIDA.— Eis aqui uma carta para a mãe do Sr. Francisco d'Assis pesso-lhe que não se altere e guarde toda a conveniencia.

MACEDO.— Que carta é esta.

MARGARIDA.— Ide sem susto e esperai pela resposta.

MACEDO.— E' preciso que nos lembremos do proverbio.

MARGARIDA.— Não temas do combate que se te offerece.

que eu sendo mulher não entregarei o punho de minha espada ao meu inimigo.

MACEDO.— Já volto.

MARGARIDA.— Enquanto chega Macedo vou ler o meu romance, (senta-se e pucha um livro e lê).

MACEDO.— Encarregaste-me de uma missão que me foi difficillima de desempenhar.

MARGARIDA.— O que te disseram.

MACEDO.— Fui muito bem recebido e mal despedido.

MARGARIDA.— Isto é que eu apenas queria saber se existia ou não orgulho na familia. Era grande admiração tu casares com a irmã do Commendador.

ETELVINA.— Se elle não quer manchar a reputação de sua familia, como quer manchar a nossa em querer que tu cases com elle.

MARGARIDA.— A questão ainda não é esta. E' elle mais tarde ser convidado para o combate e sahir invidioso.

MACEDO.— Estou sciente.

ETELVINA e MARGARIDA.— Sinto muito a sua ausencia.

MACEDO.— Faltam poucos dias e de novo adeus, lembranças a Julio, senti muito não encontrá-lo (sahe).

### SCEOA VII

Etelvina, Margarida e Julio (entrando)

MARGARIDA.— Tive agora um grande contentamento, foi com a chegada de Macedo.

JULIO.— Não digas! aonde está elle?

MARGARIDA.— Foi cumprimentar a Rodolpho e de lá vai para bordo do vapor que tem de partir ás duas horas.

JULIO.— E' exacto, hontem lendo a folha official, vi que o vapor francez partia hoje ás duas horas.

### SCENA VII

Os mesmos e Juliana (entrando)

JULIANA.— Já está preparada.

JULIO.— Para que fim?

JULIANA.— Para ir para casa de minha comadre.

JULIO.— Já sei que com esta mudança quer elevá-la á altura de Lucrecia Borgia.

JULIANA.— O que é que tem Lucrecia Borgia, pois tenho lido algumas obras em que ella tem sido elevada.

JULIO.— Zombo da philosophia incompleta de Vmc.

JULIANA.— Vou estudar o seu aparte.

JULIO.— Depois da viagem de Margarida. Retiro-me minha tia pois não posso ver arbitrariedades (sahe).

MARGARIDA.— Vejo diante de mim um patibulo ergui-

do. Minha mãe deseja que por elle eu role, logo que bata com o infeliz corpo no chão minha alma irá prestar contas a Deus, elle dirá do seu throno: ide miserana; vendeste a tua honra como queres o meu auxilio; eis o resultado de uma filha que deixa ser levada pela usura de sua mãe.

JULIANA — Deus não escutará loucuras, nem palavras sobrenaturaes.

MARGARIDA. — Sim, sim minha mãe, já estou accusada desejo recolher ao carcere.

JULIANA. — Não aceito mais observações. Sigamos. (Juliana e Margarida sahem).

ETELVINA. — (só) Estou muda e queda como uma estatua, não posso aceitar uma infamia commettida por uma mãe a uma filha tão infeliz. Deus a livrará do abysmo, adeus Margarida.

## FIM DO 2º ACTO

### ACTO III

Caza do Barão da Gama

### SCENA I

Julio e Margarida e depois Juliana

MARGARIDA. — Julio, quando chegará Macedo?

JULIO. — Brevemente.

JULIO. — (a Juliana que entrando) Ahenção minha tia.

JULIANA. — Adeus Sr. Julio.

JULIO. — Ignoro este procedimento de Vmc., minha tia.

JULIANA. — De que?

JULIO. — Deste tratamento de Sr. Julio, o respeito que a Vmc. tenho faz-me surprehender.

JULIANA. — Pois bem, nada te respondo.

JULIO. — Creio que não tenho crime para que este tratamento seja cabivel, já me intrigaram com Vmc. sem duvida? Se assim foi a minha defeza sempre será prompta para minha prima.

JULIANA. — Tu defendes tua prima e não coadjuvas a felicidade d'ella, porque não aconselhas para ella se casar com o Sr. Francisco d'Assis?

JULIO. — Não, isso não minha tia.

MARGARIDA. — Se não está satisfeita com o meu des-terro aqui, leve-me ao patibulo pela vingança de não conceder o privilegio de amor para com o Sr. Francisco d'Assis.

JULIANA. — Cala-te não reproduzas palavras irrisorias.

JULIO. — Não se póde exprimir pensamentos francos de

coração, o brio e pejo, vale tudo nesta vida, o meu voto não perdoa a façanha de Francisco d'Assis querer por querer a mão da prima!

MARGARIDA.— O meu Macedo hade voltar e realisar a sagrada promessa, este sim colherà de mim os futuros que a elle surgirem.

JULIANA.— Serei governada por ti ou será ao contrario.

JULIO.— O amor é sagrado não se póde contrariar.

JULIANA.— Já sei que o meu é difficil, e desmoronado (retira-se).

### SCENA II

JULIO.— Não retroceda a palavra, tua mãe está comprada por algum amigo falso de Francisco d'Assis, ao teu Macedo.

MARGARIDA.— Antes a minha morte já effectuada do que realisar a matrimonio com o meu protesto.

JULIO.— Firma-te no que sempre tens dicto e conta commigo. Adeus (sahe).

### SCENA III

FRANCISCO D'ASSIS.— (entrando) Como tem passado?

MARGARIDA.— Bem.

FRANCISCO D'ASSIS.— Visito-a pela primeira vez e tenho o prazer em enconral-a aqui.

MARGARIDA.— Meu coração de lucto por lhe ver, pois a quem muito odeio.

FRANCISCO D'ASSIS.— Me queres tanto mal?

MARGARIDA.— Sim, não póde ser mal, mas em sentido de queres casar com quem?... commigo; não ha força que poderá quebrar este duro protesto. Todos desejam que me redusa à miseria por sua causa, a calúnia, a inveja, o martyrio nada, nada tem faltado, mas, eu sofrer tanto por quem... mas não me caso contigo desenganate Assis. (aparte) Quem dera agora meu Macedo chora).

FRANCISCO D'ASSIS.— Depositas tanta confiança em quem e é infiel.

MARGARIDA.— Como provas?

FRANCISCO D'ASSIS.— Com documentos.

MARGARIDA.— Com infamia tambem se interpella.

FRANCISCO D'ASSIS.— O documento que sou portador do desmente a verdade (abre uma carta e lê). S. Paulo, 2 de Novembro de 187. Illm. Exm. Sr. Francisco d'Assis. presente carta é justamente um dever que eu faltaria se resultasse esta minha declaração. Declaro-lhe que já effectuei o meu casamento com uma das filhas do Visconde de

Alcantara, importante fazendeiro e capitalista de S. Paulo, o qual realisei no dia 21 do mez passado. Não faço tenção de voltar cedo, aos meus conhecidos um adeus. Tem quem me espera porém engana-se porque não me verá talvez nunca... Teu Amigo Sincero.—Macedo.

MARGARIDA.— Por Macedo, sacrifico a minha vida e desininto, digo-lhe tambem que isto é impossivel, e esta carta é falsa.

FRANCISCO D'ASSIS.— Como póde provar que é falsa? Eu não sabia que elle estava em S. Paulo.

MARGARIDA.— A Bahia não é a Europa; se o que se passa lá se sabe com presteza quanto mais aqui tão perto.

FRANCISCO D'ASSIS.— A comunicação presente passa por incerta?

MARGARIDA.— Comunicação deste calibre não quero ter sciencia, pois sua presença é para mim a de um cadaver em estado de putrefacção,

FRANCISCO D'ASSIS.— Cala-te que estás na casa de minha tia.

MARGARIDA.— Se me arrojás a dizer isto agradeço a minha boa mãe.

FRANCISCO D'ASSIS.— Te mostrarei se me dás a mão ou a regeitas.

MARGARIDA.— Retira-te Satanaz, não accuses uma alma que pertence a Deus.

FRANCISCO D'ASSIS.— Qualifica-me na esphera de Satanaz? Queres desmóronar o edificio preparado por tua mãe.

MARGARIDA.— Não conhece minha opinião, não quero ouvir mais palavras suas; retire-se.

FRANCISCO D'ASSIS.— Adeus (sahe).

MARGARIDA.— Os insectos do Egypto te acompanhem.

#### SCENA IV

Margarida e a Baronesa entrando com um jornal lendo e depois Barão

BARONEZA.— Já tardavas.

BARÃO.— Muitos afazeres, foi a causa. (batem na porta).

CREADO.— O Sr. Julio e uma senhora.

BARÃO.— Mande entrar.

BARONEZA.— (a Margarida) Os teus primos te procuram.

MARGARIDA.— (indo ao encontro) Temos alguma novidade?

ETELVINA.— Apenas a chegada de Macedo, o que lhe vim participar.

MARGARIDA.— Não fui sciente; alegre-me porque

amo e qualquer noticia delle para mim é a transformação de pensamentos.

JULIO, — Já saltou n'um escaler que o amigo Comendador Borges da Fonseca poz á sua disposição e em seguida foi jantar em sua caza no Rio Vermelho ; foi bonita a sua chegada... está gordo, bonito! Vou ao seu encontro, pelo bond da linha Central porque sei a casa e é perto. (Margarida chorando de alegria diz) feliz encontro. (Julio sahe)

#### SCENA V

MARGARIDA. — (só) Tenho consciencia no que disse elle do meu bom Macedo ; vem concluir o que emprehendeu e cumprir a palavra, pois só homem de palavra e de character como elle poderia obrar assim. (batem á porta)

MACEDO. — (entrando cahe de joelhos aos pés de Margarida) Resumo a conversação para que teu padrinho não me encontre.

MARGARIDA. — Vieste realisar a tua promessa?

MACEDO. — Os documentos estão na mão do Comendador Borges e em poucos dias estará tudo prompto

MARGARIDA. — Vou pedir-te um favor de conceder-me uma licença.

MACEDO. — O que é?

MARGARIDA. — Vou participar ao Sr. Francisco d'Assis que eu quero casar-me com elle.

MACEDO. — Isio toma novo character.

MARGARIDA — Apresentou-me elle uma carta tua, dizendo que te tinhas casado ; porém eu lhe disse que era falsa, mas vingou-me com isto.

MACEDO. — Faça o que lhe parecer conveniente (sahe).

#### SCENA VI

Margarida escrevendo chama o creado a quem diz. Esta carta ao Sr. Francisco d'Assis

MARGARIDA — (Senta-se e lê um romance).

FRANCISCO D'ASSIS. — (entrando) Muito me alegrou com a tua carta.

MARGARIDA. — Prepara-te para realisarmos o nosso casamento no dia primeiro proximo vindouro.

FRANCISCO D'ASSIS. — Sabes que estou prompto para este fim?

MARGARIDA. — Não sei.

FRANCISCO D'ASSIS. — Quem quer sou eu ; havemos de concluir ; eu vou tratar disto.

JULIANA. — (entrando) Deus te recompense filha, já sei que vás cumprir a minha promessa.

MARGARIDA.— E' certo minha mãe (entram o Barão e a Baroneza).

JULIANA.— Meu compadre temos um casamento realiado brevemente.

BARÃO.— De quem ?

JULIANA.— De Francisco d'Assis com Margarida.

BARÃO.— Seremos os padrinhos e tenho cincoenta contos de réis (sabem todos menos Juliana).

JULIANA.— (só prosta-se de joelhos) Já vi meu Deus, minha filha aceitar um pensamento meu !! (levanta-se).

ETELNINA E JULIO.— (entrando) Como está minha tia.

JULIANA.— Vocês por aqui é novidade.

JULIO.— Viemos comprimentar Margarida.

(Margarida entra e sahe Juliana. Os tres conversam).

JULIO.— Nessa viagem foi de balde visto não encontrarmos Macedo.

MARGARIDA.— Cá esteve ha poucos momentos.

JULIO.— Vou-embora, estou encommodado dos pés.

MARGARIDA.— O meu casamento com Macedo é no dia 1 proximo vindouro, estou tambem arranjando com o Sr. Francisco d'Assis, mas tudo está de accordo com Macedo, o Vigario, carros, caza e tudo mais.

JULIO.— Quem são os padrinhos ?

MARGARIDA.— O Visconde de Aguasinha e sua senhora.

JULIO.— Estou sciente (retira-se).

#### SCENA VI

FRANCISCO D'ASSIS.— A's 6 horas da tarde os carros passarão para te levar á egreja, tudo está preparado. Avisa aos teus padrinhos (sahe).

MARGARIDA.— Participa a todos (vai-se preparar para o casamento).

#### SCENA VII

Margarida entrando com Macedo e seus convidados por um lado e Francisco d'Assis por outro

FRANCISCO D'ASSIS.— Já estás casada ?

MARGARIDA.— E bem casada.

FRANCISCO D'ASSIS.— Tu hoje estás vestida de perolas, amanhã estás encarando para a fome e a miseria.

MARGARIDA.— O meu merito ainda não desapareceu, o eixo da minha thesoura não está estragado, as publicações de jornaes de modas em Paris ainda não suspenderam-se, enquanto existir estas cousas que eu acabo de dizer não mendigarei o pão, ao meu lado direito estarão os ricos trabalhos de meu marido.

MACEDO.— Sr. Commendador reduza seu capital em sciencia.

FRANCISCO D'ASSIS.— Para que me serve.

MACEDO.— E' a honra e dignidade dos diplomatas Europeus e eu reduzo a minha sciencia em capital.

FRANCISCO D'ASSIS.— Isto é difficil !

MACEDO — Isto não são apreciações para certa ordem de Commendadores. Senhores, eis ahi o meu thesouro. (Apontando para dentro corre-se o segundo panno e apparecem diversos quadros, no centro uma estante armada com um quadro da França representando todas as nações, ao lado do quadro uma bandeira brasileira e uma franceza, duas meninas vestidas de anjo seguram uma bandeira e dez officiaes representam a liga, ao correr do panno canta-se o hymno brasileiro).

MACEDO.— (Recitando).

Quanto é bello adorar-se uma jovem.  
Quanto é horrivel ser despresado.  
Quanto é lindo colher-se uma rosa  
Que de per si abrilhanta o galho.

Resposta de Margarida.

Entre os laços de amor que nos prende  
Não ha outro que possa soltar  
Entre as folhas que o orvalho perfuma  
E' como as estrellas que brilham no mar

Macedo :

Oh mulher, oh mulher, oh meu anjo,  
Tens a chave do meu coração  
Toda amante que é firme e constante  
Sempre vive nesta união.

(Ao terminar da poesia elles se abraçam).

JULIO.— O dinheiro é o Deus do ambicioso, o filho miseravel demanda contra seu pai, a mãe infame deseja trocar a honra de sua filha pelo dinheiro. Margarida, fizeste muito bem em não realisar o casamento que tua mãe queria com o Sr. Francisco d'Assis, aquillo não era casamento; era uma infamia, era ella querer te arrastar ao ultimo degrau da descrença, casaste com Macedo, operario digno e laborioso, serás abençoada por Deus e abraçada pela sociedade.

FRANCISCO D'ASSIS.— O unico norte para repellir este insulto do meu aggressor, só atravessando o craneo com uma bala.

MACEDO.— O filho do progresso não aceita revoluções, profunde-se na litteratura e por meio d'ella reduz á ul-

tima especie os seus aggressores ; (para a platéa) Senhores operarios pais de familia se quereis que o vosso nome seja elevados nas paginas da historia, cultivai a vossa intelligencia, educai os vossos filhos e filhas para que os vossos filhos não sejam arebatados pela orgia, as vossas filhas devoradas pelas feras, não vos esqueçais do tempo em que os fidalgos aconselhavam aos vossos antecessores para não educar seus filhos para que mais tarde não quizessem ser representante da nação, e trazer seus pais debaixo eos pés. Olhemos para a elevação Americana e a velha guarda da aristocracia franceza ; Senhores, se vos aggravei perdoai-me, são phrases toscas que sahem do enthusiasmo e provam que o dinheiro nunca vence o amor.

CAHE O PANNO

ARQUIVO THEATRAL DE  
ANTONIO DA SILVA PEIXOTO  
4322  
Numero de Ordem no Catalogo